

RAQUETES, AMIZADES E LIVROS

Era uma vez um grupo de mulheres que, unidas pela paixão pelo tênis, resolveram explorar outros mundos e, quiçá, amores.

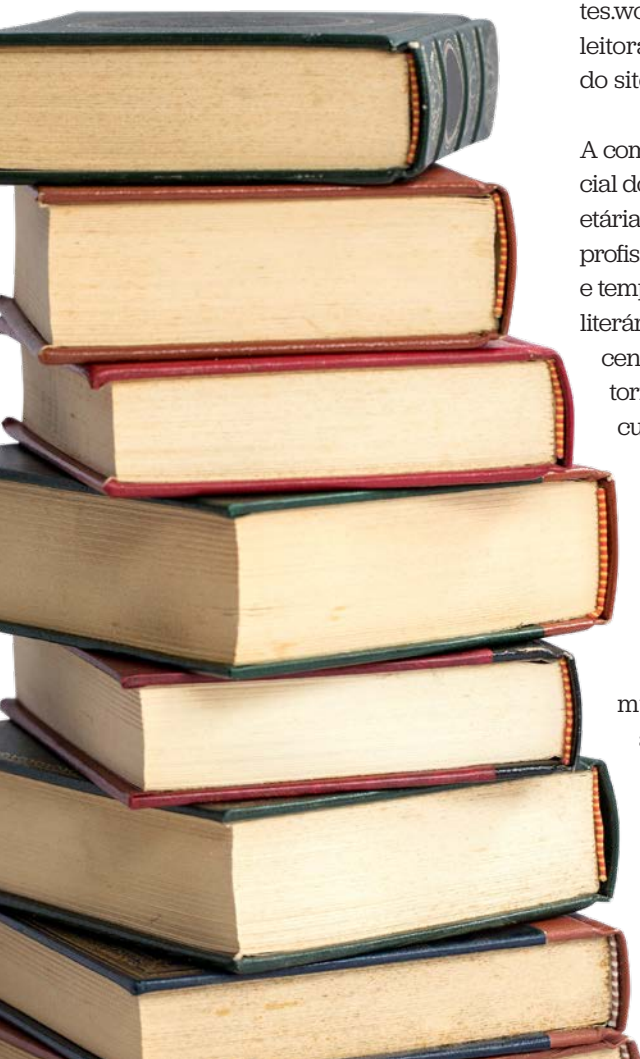
*Mulheres reunidas
em torno da paixão
pela leitura*





A partir do desejo de compartilhar o entusiasmo pela literatura, decidiram criar um clube do livro.

Em um primeiro momento, cada participante cedia a própria casa para a realização dos encontros, mas, então, o amor foi se expandindo e, ao alcançar mais ávidas leitoras, o Iate Clube abraçou a iniciativa, e as leitoras passaram a se reunir no Salão Social.



Do Salão Social, as reuniões mensais do grupo passaram a ser realizadas em um espaço dentro do Memorial do Iate. A **Revista Farol** esteve presente no primeiro encontro de 2025 da Sociedade Literária Livros e Raquetes, fundada em 2012 e que, em quase 13 anos de existência, já incentivou suas participantes a lerem e a debaterem mais de 100 obras literárias.

As aventuras do clube de leitura são registradas em um blog (livroseraquetes.wordpress.com), e são as próprias leitoras que auxiliam na manutenção do site.

A composição diversificada é o diferencial do grupo, com mulheres em faixas etárias de 30 a 93 anos, de formações profissionais distintas, origens certas e tempos futuros em aberto. O clube literário abre espaço para temas sem censura e sem restrições quanto à autoria. Um espaço onde a liberdade é cultuada pelas ações de ler e falar.

E claro que se o assunto é literatura essa amante pela arte da escrita que aqui escreve tentará criar um enredo interessante para que você, querido leitor, querida leitora, não mude de página e fique por aqui até o fim dessa história e, obviamente, desta publicação.

Ao cair da tarde, as mulheres iam se dirigindo ao recinto, que já estava de portas abertas

silenciosamente aguardando pelas participantes. Algumas delas levavam livros à tira colo, revelando o que buscavam naquele ambiente. As cadeiras dispostas em roda simbolizavam um convite para uma conversa leve, em que a escuta, que se tornou um artigo de luxo em uma sociedade cada vez mais focada em telas eletrônicas, entorpecendo os outros sentidos, se faria presente em alto e bom som.

Mais de 20 mulheres participaram da primeira reunião do ano, que foi aberta com o exercício da democracia, um instrumento que deve ter sido inventado antes da roda ou depois do fogo. Quem de fato sabe? Para quem ama a história da humanidade e não quer ficar se remoendo para ter essa informação, a votação é citada como uma invenção de Atenas, a chamada inventora desse sistema político. E bem que houveram inúmeras alterações, as populações cresceram, enfim, sigamos.

Mesmo o calendário romano indicando mais de dois mil anos da sua instituição e com todas as reviravoltas da sociedade mundial, sempre é interessante observar mulheres cultivando direitos, sendo livres para escolher, falar e ouvir.

Odila Damian, a simpática e sorridente Didi, foi conduzindo o processo de escolha do primeiro livro do ano. Após exercerem o direito de voto, o debate foi iniciado e cada participante compartilhou não



Odila Damian



Thereza e Daniela Matos

apenas uma história que foi lida, mas também a própria jornada que aquele autor ou autora a proporcionou.

De memória, com anotações registradas no celular ou ainda no bom e clássico método com papel e caneta, as narrativas eram feitas com muitos detalhes ou quase sem nenhum. Cada fala representava a oportunidade para iniciar uma nova conversa, relatando uma história ou um tema que puxasse outro. Assim foi quando o café foi mencionado por conta da obra “Antes que o café esfrie”. Uma participante se lembrou de uma pesquisa que indicava que a bebida fazia bem para a saúde e poderia prevenir o Alzheimer e outra completou que tinha que ser o coado, pois “o de máquina tem gordura”.

Os apertos que se passavam em tempos remotos ficam evidenciados em um dos relatos. Contudo, elas não narram pura e simplesmente. Elas argumentam: quais características da escrita ou da própria narrativa teriam impressionado aquela leitora?

Leitora da obra “10 minutos e 38 segundos neste mundo estranho”, de Elif Shafak, Thereza Matos conta que o enredo traz o “impossível”. Após a morte, a personagem revisita a própria existência naquele tempo que está impresso na capa do livro.

A situação gerou risos - seriam eles

motivados pelo desconforto que o tema da morte provoca ou simplesmente pela descrença de que seria possível ter lucidez após a morte? Fica a interrogação. Até que sorridente, uma das participantes disse: “Quando eu morrer, eu volto aqui e conto para vocês se isso realmente existe”. Risos ecoaram pela sala.

Ao observar a reação daquelas mulheres, a sensação da inexistência de temas tabu fez com que qualquer assunto pudesse ser apresentado naquela roda. Cada leitora assumia o papel de uma confidente de um círculo, que revelava a beleza de um verdadeiro elo de confiança.

Ouvir histórias inventadas, inspiradas ou reais vividas em outros países e cenários faz com que, por mais que pareça óbvio, o papel da literatura fique evidenciado. A arte, por meio da escrita, tem a habilidade de transformar e transportar pessoas ou sentimentos. Como é prazeroso dividir uma aventura com amigos!

Após as narrativas, as mulheres se permitiram a seguir conversando, mas o tema já havia mudado, os assuntos, ampliados e, ao redor da mesa, um dos hábitos mais antigos da humanidade: elas partilhando o alimento para o corpo, afinal, a alma já estava saciada.

NARRATIVAS DAS LEITORAS

O primeiro encontro do ano seguiu uma dinâmica um pouco diferente. Para março, o grupo terá a missão de ler o mesmo livro e conversar sobre a leitura e o que aquela obra trouxe de reflexão.

Diferente do que possa parecer, a sociedade literária não é um ambiente exclusivo, na verdade, elas gostariam de ter a visão masculina e muitas já convidaram os próprios maridos para fazer parte dos debates.

Para o novo ano que se abre, a Sociedade Literária Livros e Raquetes vai ganhar um “spin-off”. O grupo decidiu criar um novo clube, mas, agora de filmes. A intenção é reunir os sócios também uma vez por mês, mas como os livros são debatidos na primeira quinta-feira do mês, os longas-metragens ocupariam a agenda do Iate sempre na última quinta-feira do mês.

Didi conta que existem algumas regras no grupo e uma delas é tentar não repetir os autores, na intenção de trazer novos nomes. Sobre novos membros, ela espera que o grupo dos filmes possa atrair mais sócios, incluindo os homens.

Uma das grandes vantagens do clube de leitura, segundo Didi, é exercitar a memória. “Quantos livros que você

já leu que você nem lembra? Quando a pessoa conta uma história, isso faz com que a gente guarde na memória. Isso é um exercício para prevenir a demência senil”, aponta.

Por ser um grupo de formações diversas, Didi traz uma curiosidade: certa vez, o grupo escolheu um autor internacional que trazia informações sobre o funcionamento do corpo humano, mas que foram prontamente desqualificadas por uma das participantes devido à experiência profissional dela. “Ela é médica e foi professora. E aí derrubou várias coisas, chegou e falou ‘não é assim’, e provou”.

Estreando no grupo, Cristina Fernandes ficou feliz em acompanhar o encontro. “Primeiro que é um grupo de mulheres muito interessantes. Você vê isso pelas abordagens delas em relação aos livros, ao que elas perceberam e o que chamou a atenção de cada uma para a história. É um grupo muito diverso, muitas experiências, muitos tipos de livros, muita coisa reminescente, quer dizer, a maneira como cada uma se relaciona com aquilo que leu. Achei muito interessante e vou voltar”, declarou.

A sócia Regina Moura, ao compartilhar o livro que leu durante as férias, relatou histórias interessantes. Uma delas é relacionada à neta Valentina, que, com 7 anos, é uma leitora feroz.

Em 2024, leu mais de 100 livros e já até perdeu a hora da aula por estar maravilhada com a diversidade de títulos na biblioteca da escola. “Eu lia muito para ela dormir e sempre a incentivava, e ela sempre escolhia os livros, então, ela lê e depois, me conta as histórias”, disse.

Thereza Matos e Daniela Matos, mãe e filha, dividem o amor pelos livros. Dani também auxiliou na construção do primeiro blog do grupo. “Foi muito interessante porque eu sempre via o resumo do que elas faziam, mas nem sempre eu participava. Gosto das indicações [de livros]”.

A mãe menciona o início do clube: “Foi um grupo de tenistas, apaixonadas por leitura, que resolveram tirar uma tarde onde viriam jogar tênis para discutir um livro”. O fascinante dos encontros é redescobrir a obra analisada pelos olhares das participantes. “Às vezes, a gente leu um livro e quando vem na discussão parece que lemos outro. Os debates são muito ricos”, considera.

Inocência Mota atua como ‘jornalista’ do grupo e é ela quem prepara os textos após as reuniões para publicar prontamente no blog da “Sociedade Literária Livros e Raquetes”. Ela, porém, revela uma curiosidade: é autora de um livro já estudado pelo grupo.



Debate do grupo é acompanhado com atenção por Inocência Mota, responsável pelos textos no blog do clube.

Escritora da obra “A pedra”, que traz uma narrativa sobre o encontro com uma pedra nas areias das praias cearenses, em um primeiro momento, a autora quis descartá-la, mas repensou e seguiu com a rocha por imaginar se tratar de uma gema preciosa.

Inocência revela a satisfação em ver a própria criação ser debatida pelas amigas e todos os questionamentos que aquele momento provocou. “Fiquei feliz, me senti valorizada. E, de início, fiquei em dúvida: será que é de mim que elas estão falando? Será que eu mereço isso”.

As reflexões daquele debate ainda ecoam para Inocência, que teria finalizado a segunda obra, mas decidiu reler “para poder publicar, mas eu ainda não publiquei”, conta.

Aniversariando na primeira reunião de 2025, Flávia Ribeiro da Luz divide como se sente pertencendo a esse clube de livros: “Todas nesse grupo são mulheres de mais idade, a partir dos 40 anos até os 90. São muito inteligentes, educadas e preparadas. Cada uma com um ponto de vista para a vida e essa amizade que a leitura criou é algo muito positivo”.

O grupo também conta com a fotógrafa de formação Sueli Carneiro. Prontamente adaptada aos tempos modernos e usando o celular, ela faz questão de fazer registros fotográficos de todas as participantes das reuniões. Os cliques vão para o blog do grupo. “Eu me sinto muito bem nesse papel de fotografar. A gente tem que ser atrevido para ser fotógrafo, tem dia que você tem que entrar no meio e sei que as pessoas adoram [os registros]”, ressalta.

